

A ESCRITA DOS YUHUPDEH
O Registro Ortográfico de Uma Língua Indígena
do Alto Rio Negro

Cácio e Elisângela Silva

Linguistas da Associação Pró-Amazônia

Revista Antropos – Volume 1, Ano 1, Novembro de 2007

ISSN 1982-1050

RESUMO:

Este artigo apresenta a proposta ortográfica da língua Yuhup. Para tal, procede-se a uma breve descrição etnográfica dos Yuhupdeh, povo indígena do noroeste da Amazônia, descrevendo sua constituição étnica, demografia e dispersão, principais traços socioculturais, a importância da ortografia, seu processo e opções finais.

PALAVRAS-CHAVES: Ortografia, línguas indígenas, povo Yuhupdeh.

Os Yuhupdeh pertencem à mesma família etnolinguística dos povos Nadëb, Dâw e Hupd'äh, a qual tem sido denominada Maku, Nadahup, Maku-Oriental e Uaupés-Japuráⁱ. No momento está em discussão no meio lingüístico e antropológico, de maneira ainda inconclusa, qual seria o melhor termo.

Sua língua é totalmente preservada e francamente usada no dia-a-dia. Na região do Rio Tiquié usam o Tukano como segunda língua, por ser esta majoritária em toda a calha. A maioria comunica-se também no Português, tendo esta como terceira língua, por ser a língua nacional e comercial.

A língua Yuhup é caracteristicamente isolante, com cerca de 80% das suas raízes morfológicas monossilábicas. É também uma língua tonal, apresentando foneticamente quatro tons, dos quais dois são fonológicos. Os tons são altamente ativos, servindo para formar classes gramaticais e modos verbais, como os deverbais (tom descendente) e o imperativo (tom ascendente). Apresenta fonologicamente uma grande incidência de

laringalização e glotalização, num nível bem superior à encontrada na maioria das línguas da região, das famílias lingüísticas Tukano e Arawak.

Por falta de um registro ortográfico em uso e material didático, a língua Yuhup não tem sido ensinada em suas escolas, o que contribui para a valorização da língua nacional em detrimento da língua materna. No entanto, conscientes da importância da língua para a sua preservação enquanto povo, líderes Yuhupdeh do Alto Rio Negro vinham solicitando insistentemente, já há alguns anos, um apoio lingüístico para reduzir sua língua à escrita e produzir material didático.

CONSTITUIÇÃO ÉTNICA

Apesar de confundidos com os Hupd'äh ao longo dos séculos na região do Rio Uaupés, os Yuhupdeh sempre mantiveram consciência da sua etnicidade e língua próprias. Se por alguns são equivocadamente tratados como Hupd'äh, por outros são pejorativamente chamados de “Maku”. Ainda que de procedência duvidosa, o termo “Maku” tem sido identificado como de origem Arawak, significando possivelmente “sem fala” – *maáko*, ou “selvagem, primitivo”, “servidor” – *máako*ⁱⁱ. Trata-se de um termo impróprio, mas continua sendo usado mesmo no meio acadêmico por falta de substituto adequado.

Na literatura lingüística e etnológica, os Yuhupdeh têm sido chamados de Yahup, Yohup, Yihup, Yuhupde ou simplesmente Yuhup. No entanto, sua autodenominação é Yuhupdeh, palavra que significa “pessoas” (*yuhup* – “pessoa, gente” + *deh* – marcador de plural). Esse é o termo que no dia-a-dia é usado para identificar todos aqueles que falam sua língua e pertencem à etnia.

Trataremos aqui o povo com a palavra no plural e a língua com a palavra no singular, portanto, fala-se povo Yuhupdeh e língua Yuhup.

Os Clãs

Etnicamente os Yuhupdeh se organizam em clãs e esses se subdividem em sibs. O clã é uma unidade patrilinear exogâmica, nomeada, concebida a partir do mito de origem sobre a “canoa da transformação” – *yāh-bah hóh*. De acordo com esse mito, no tempo primordial os “avós” de cada clã subiram de um mundo pré-existente, em forma pré-humana, através de uma canoa, e se transformaram em gente em pontos específicos de vários rios. Falando a mesma língua, passaram a casar entre si, formando assim o povo Yuhupdeh. O mito da canoa da transformação é compartilhado por quase todos os povos da calha do Uaupés, no entanto, os Yuhupdeh possuem uma versão própria do mesmo, podendo variar de clã para clã.ⁱⁱⁱ

Cada clã é identificado pelo nome de algum animal, lugar ou objeto. São unidades fechadas, não havendo possibilidade de agregação, ou seja, uma pessoa pode nascer e ser criada com determinado clã, falando a língua e vivenciando sua cultura, mas jamais pertencerá efetivamente ao mesmo. Há pequenas variações lingüísticas entre alguns clãs, bem como variações mitológicas, já que é essa unidade quem detém e transmite o conhecimento mitológico.

Registramos um total de 14 clãs: *Yaam-Uy-Reh* – “Os que são onça”; *Paç-Uy-Reh* – “Os que são pedra”; *Siç-Uy-Reh* – “Os que são macaquinho”; *Meeh-Pög-Uy-Reh* – “Os que são sucuri”; *Saak-Tëg-Uy-Reh* – “Os que são muriti”; *Buu’-Uy-Reh* – “Os que são cupim”; *Pöh-Uy-Reh* – “Os que são alto”; *Soop-Uy-Reh* – “Os que são *soop* (tipo de funil para beber água na folha)”; e *Wak-Yuru’-*

Tēreh – “Os que são japurá-paraná”; *Book-Uy-Reh* – “Os que são chavascal”; *Tōh-Uy-Reh* – “Os que são tōh (espécie de lagarta)”; *Moy-Uy-Reh* – “Os que são caiarara”; *Sīb-Uy-Reh* – “Os que são mutum”; *Wēt-Uy-Reh* – “Os que são pássaros”.

Os Sibs

Os sibs são subdivisões dos clãs, também unidades patrilineares (patrisibs) nomeadas e possuem uma classificação hierárquica de status social. Tal status é herdado mitologicamente, sendo, portanto, inalterável. O clã *Yaam-Uy-Reh* ou “Povo Onça”, por exemplo, possui dois sibs obedecendo a seguinte hierarquia: 1º) *Yaam-Awñh*; e 2º) *Weg-Yaam-Tēreh* – “Filhos da Areia da Onça”. O clã *Paç-Uy-Reh* ou “Povo Pedra”, possui também dois sibs, na seguinte hierarquia: 1º) *Paç-Uy-Pög* – “Pedra Grande”; e 2º) *Paç-Uy-Tēh* – “Pedra Pequena”.

REALIDADE DEMOGRÁFICA E DISPERSÃO GEOGRÁFICA

Os Yuhupdeh formam um povo minoritário, com população estimada em aproximadamente 600 pessoas, espalhadas em pelo menos nove comunidades indígenas no Brasil e também algumas comunidades na Colômbia. No Brasil, suas comunidades estão localizadas nos pequenos afluentes da margem direita do Rio Tiquié: Rio Ira – comunidade Guadalupe; Rio Cunuri – comunidades São Martinho e São Domingo; Igarapé Samaúma – comunidade Santa Rosa; Rio Castanha – comunidade São Joaquim. Ainda no Rio Castanha há uma forte presença Yuhupdeh na comunidade Santa Rosa,

onde convivem com famílias Dessana, e o mesmo ocorre na comunidade Cucura São João no Rio Tiquié. Na comunidade Matapi, nesse mesmo rio, convivem com famílias Tukano. E nas proximidades da Vila Bittencourt localiza-se São José do Apapóris, a maior comunidade Yuhupdeh.

Jorge Pozzobon^{iv} classificou seu sistema de distribuição sócio-espacial em três grupos regionais: 1) comunidades do Rio Castanha e Médio Tiquié; 2) rios Cunuri e Ira; e 3) São José do (Rio) Apapóris. As comunidades do Igarapé Samaúma, no Tiquié, e do Rio Traíra, na Colômbia, formariam grupos menos interativos. Verificamos que, atualmente, mesmo esses grupos mantêm interação social com os demais.

Com exceção de São José do Apopóris, suas comunidades são caracteristicamente pequenas, geralmente não ultrapassando o número de dez famílias, organizadas por um sistema patrilocal. Localizam-se no interior dos pequenos afluentes do Rio Tiquié, mantendo freqüentes acessos a esse último, aonde vão em busca de mercadorias industrializadas fornecidas pelos regatões, barcos comerciais que fornecem produtos da indústria em troca de produtos da mata.

PERFIL SOCIOCULTURAL

Os Yuhupdeh são pescadores-coletores, patrilocais, patrilineares, etnicamente endogâmicos, semi-nômades e, aparentemente, organizados com base na proteção e subsistência. Apesar de tradicionalmente caçadores-coletores, com a aproximação dos grandes rios hoje já se adaptaram tornando-se pescadores-coletores. Praticam também uma agricultura incipiente, com o plantio de mandioca e frutas, tendo como base alimentar farinha e peixe.

Sendo culturalmente semi-nômades, fazem freqüentes incursões de pescaria pelos rios mais próximos, podendo durar semanas ou até meses.

Os casamentos ideais devem se dar entre seus clãs, tendo a prima cruzada como par ideal, portanto, praticam uma exogamia clânica. Mas sendo patrilineares podem se casar com mulheres de outros povos da região, como os Hupd'äh, já que os filhos sempre pertencerão à etnia do pai, através de quem recebem a herança étnica. E, devido à patrilocalidade, é sempre a mulher quem se desloca, passando a morar na comunidade do marido, ainda que esse faça roça com o sogro e mantenha freqüentes contatos. Casamentos dentro do mesmo clã, ainda que entre sibs, são proibidos caracterizando-se incesto.

Parece não haver um padrão para a construção das suas moradias – *móy*, mas, de modo geral, não fogem dos modelos regionais. Numa mesma comunidade pode-se observar casas quadradas, retangulares e redondas, de diferentes tamanhos. São cobertas sempre com palha, e suas paredes podem ser construídas de varas, barro ou palha trançada. Várias não possuem paredes, apenas cobertura. A estrutura de troncos e varas, bem como a cobertura de palha, é habilidosamente amarrada com cipós. Já as barracas dos acampamentos de pesca – *yo*, possuem um padrão, sendo sempre pequenas, baixas, ligeiramente retangulares, com esteios de forquilhas, cobertura de palha e sem paredes, o que gera um aspecto de moradia provisória.

Religiosamente muitos se denominam católicos, mas mantêm sua religiosidade tradicional animista, tendo os benzimentos – *mih-diid* – como uma das principais práticas xamânicas, girando geralmente em torno da doença e cura. Cosmologicamente reconhecem sua origem em um local mítico referido como “Lago de Leite” ou *Děh Pud-Děh Hóy*, com uma subseqüente

dispersão dos clãs por vários rios da região, de forma que alguns são oriundos do Rio Ira, enquanto outros dos rios Apapóris e Traíra. De fato, o processo migratório parece vir em direção do Rio Tiquié e não o contrário.

A IMPORTÂNCIA DA ORTOGRAFIA

O registro ortográfico das línguas indígenas tem sido um dos principais fatores de preservação lingüística, valorização étnica e inclusão social. Temos hoje no Brasil, de acordo com estimativas recentes, 257 povos indígenas espalhados por todo o território nacional. No entanto, restam apenas 185 línguas indígenas vivas, estando várias delas em acelerado processo de extinção. Equivale dizer que dezenas desses povos perderam a língua materna, sendo substituída geralmente pela língua nacional dominante. Estimativas de Aryon Rodrigues^v, apontam que na época da colonização eram faladas cerca de 1.200 línguas indígenas no território brasileiro, sendo 495 só na Amazônia, o que leva-nos a concluir que mais de mil línguas desapareceram nos últimos 500 anos. O registro ortográfico vai contra esse quadro de perdas, funcionando como um dos elementos de preservação da língua materna.

Grupos que têm suas línguas registradas geralmente experimentam um processo de valorização étnica. Ao longo do Rio Tiquié já ouvimos comentários como “até os Maku agora querem virar gente, pois resolveram aprender ler e escrever em sua língua!” O comentário é infeliz e preconceituoso, mas reflete a percepção regional de valorização étnica dos Yuhupdeh. Seus interlocutores Hupd’äh tiveram há pouco sua língua grafada, deixando os Yuhupdeh sozinhos no cenário do esquecimento. Agora o quadro

começa a mudar e o povo desenvolve consciência da importância do momento. “Estou muito satisfeito com esse trabalho, pois meus filhos aprenderão a ler e escrever e serão pessoas melhores”, disse um dos líderes Yuhupdeh, falando sobre a importância da grafia da sua língua. É uma vitória sobre o sentimento de inferioridade lingüística. Pelo mesmo processo passaram também os Dâw, nas proximidades de São Gabriel da Cachoeira, e os Nadëb, nas proximidades de Santa Isabel do Rio Negro.

Mas a grafia da língua vai além e age ainda como elemento de inclusão social. Um povo de língua ágrafa estará sempre excluído de uma gama de conhecimento que dificilmente lhe será compreensível numa segunda língua. Suas crianças estarão sempre em contexto de prejuízo educacional, pois, como sabido no meio pedagógico, a alfabetização primária na segunda língua é sempre deficiente. Crianças alfabetizadas primeiramente na sua língua materna têm um melhor desempenho no aprendizado, inclusive na posterior alfabetização em uma segunda língua. A falta de material didático na própria língua em si já caracteriza exclusão. A ortografia é o início da reversão desse quadro.

O PROCESSO ORTOGRÁFICO

Os primeiros estudos da língua Yuhup foram feitos pelo casal de lingüistas americanos Daniel e Cheryl Jore, da SIL - Sociedade Internacional de Lingüística, que em 1975 esteve entre os Yuhupdeh do Rio Ira, por quatro meses, produzindo como resultado da pesquisa inicial a *Análise Preliminar da Língua Yahup* (1980). Posteriormente, a lingüista Dalva Del Vigna escreveu *Segmentos Complexos da Língua Yuhup* (1991), como sua dissertação de

mestrado na UnB – Universidade de Brasília. Em 1995 a lingüista Aurise Lopes Brandão obteve seu grau de mestre em lingüística com a dissertação *Fonologia Yuhup – Uma Análise Não-Linear*, na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. A lingüista colombiana Ana Maria Ospina Bozzi concluiu seu doutorado com a tese *Les Structures Élémentaires du Yuhup Makú – Langue de l'Amazonie Colombienne: Morphologie et Syntaxe* (2002), na Université de Paris. Por fim, Valteir Martins abordou a língua Yuhup em sua tese de doutorado, *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental* (2005), pela Vrije Universiteit Amsterdam.

Apesar de lançar mão dos estudos anteriores, nossa proposta ortográfica é baseada em análise própria, disponível na Associação Pró-Amazônia. Nossos contatos com os Yuhupdeh tiveram início em maio de 2006, mas o trabalho lingüístico foi realizado entre agosto de 2006 e junho de 2007, cobrindo um período de dez meses. Nesse período, trabalhamos dois meses com informantes lingüísticos na cidade e passamos outros três meses, divididos em dois períodos, imersos na língua e cultura dos Yuhupdeh, na comunidade São Martinho, do Rio Cunuri, mantendo contato também com as comunidades São Domingo, do mesmo rio, e Guadalupe, do Rio Ira.

Os dados coletados foram registrados foneticamente com símbolos do IPA – Alfabeto Fonético Internacional, para a análise fonológica lançamos mão dos métodos não-lineares da moderna fonologia e buscamos consultoria em especialistas da área e analistas de línguas parecidas.

Nossos informantes lingüísticos pertencem a três diferentes clãs, espalhados em quatro comunidades, envolvendo idosos, adultos e jovens, bem como, homens e mulheres. Participaram do fornecimento de dados os seguintes Yuhupdeh, aos quais registramos aqui nossos agradecimentos:

- Da comunidade São Martinho, Rio Cunuri: Maria de Fátima Fernandes Araújo, Luiz Fernandes Castro, Felipe Fernandes Araújo, Moisés Fernandes Castro, Samuel Fernandes Araújo, Maria Conceição Fernandes e Genésio Fernandes Castro.

- Da comunidade São Domingo, Rio Cunuri: Américo da Silva Araújo, Crispiano da Silva Araújo e José Castro.

- Da comunidade Guadalupe, Rio Ira: Clemente Barroso, Domingo Barroso, Luis Ribeiro Barroso e Jacinto da Silva.

- Da comunidade São Joaquim, Rio Castanha: Nonato Ribeiro da Silva.

Para a escolha dos símbolos ortográficos, foi levada em consideração a ortografia da língua Portuguesa, por ser a língua nacional, as ortografias Nadëb, proposta por Rodolfo Senn, Dâw, proposta por Valteir Martins, e Hup, proposta por Henry Ramirez, por serem essas as línguas da mesma família lingüística. Foi considerada também a ortografia Tukano, proposta por Henry Ramirez, por ser a segunda língua dos Yuhupdeh.

A NECESSIDADE DA ORTOGRAFIA YUHUP

De todas as línguas da família lingüística, o Yuhup e o Hup são as mais próximas, chegando a ser, precipitadamente, consideradas dialetos de uma mesma língua. No entanto, a análise fonológica revelou que as duas línguas são distantes demais para usarem a mesma ortografia, pois apresentam processos fonológicos e aspectos gramaticais diferentes. O simples fato do povo se identificar como diferente e suas línguas não serem reciprocamente inteligíveis, já justificaria uma abordagem lingüística específica, mas o fato é que o caso vai bem além.

Diferenças Lexicais

Procedemos a uma análise comparativa das duas línguas, com uma amostra de 523 palavras, incluindo nomes, verbos e pronomes. Para tal, lançamos mão do dicionário *A Língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro* (2006), de Henry Ramirez, e de informantes Hupd'äh com os quais conferimos a articulação fonética. Não foi encontrada sequer uma palavra exatamente igual, mas classificamos os resultados em torno das raízes morfológicas em três classes principais: raízes idênticas, semelhantes e diferentes. Os resultados são os que seguem:

Raízes idênticas: 49% das raízes morfológicas são idênticas, apresentando diferenças tonais. No Yuhup os tons fonológicos são o ascendente e o descendente, enquanto no Hup são o ascendente e o alto. No caso das raízes idênticas há um contraste previsível entre as duas línguas, sendo que, quando no Yuhup o tom é ascendente, no Hup é alto, e quando no Yuhup é descendente, no Hup é ascendente.

(01)	Léxico	Yuhup	Hup
	‘sobe!’	[sǎ:kʰ]	[sákʰ]
	‘massa’	[sâ:kʰ]	[sǎ:kʰ]
	‘anta’	[tâ:h]	[tǎ:h]

Raízes semelhantes: 23% das raízes morfológicas apresentam semelhança entre as duas línguas, sendo que, além da diferença tonal, 33% destas apresentam diferenças em torno das consoantes glotalizadas e as demais possuem semelhança em apenas parte da raiz.

(02)	Léxico	Yuhup	Hup
	‘fruta japurá’	[wǎ:kʰ]	[jã.wákʰ]
	‘pisa!’	[jãh kɛʰɛtʰ]	[hì.kʰɛtʰ]
	‘mutuca’	[byʰũ:h]	[bʰũh]

Raízes diferentes: os demais 28% das raízes são totalmente diferentes.

(03)	Léxico	Yuhup	Hup
	‘arco-íris’	[wǎ:dʰ]	[ʃó:]
	‘beiju’	[kɔʰɔ:j]	[ʰbʰqʰ]
	‘caibro’	[ʃô:p]	[jô:kʰ]

Se somarmos as duas primeiras categorias, teremos um total de 72% de raízes com alguma semelhança, contra 28% totalmente diferentes. Se por um lado a semelhança parece ser grande, por outro a diferença é muito significativa. Numa comparação entre o Português e Espanhol, desenvolvida por Camorlinga^{vi}, concluiu-se que 85% das palavras possuem uma origem em comum. Portanto, no nível lexical, as línguas Yuhup e Hup são mais distantes uma da outra do que o Português do Espanhol.

Diferenças Fonológicas

Duas principais diferenças fonológicas são marcantes entre as duas línguas. Uma é a incidência de consoantes glotalizadas, bem mais marcante no Hup, em detrimento de sílabas bimoraicas, com núcleos compostos e glotalizados. No Yuhup ocorre exatamente o contrário, havendo uma grande incidência de bimoraicas glotalizadas e uma baixa ocorrência de consoantes glotalizadas. Assim, 33% das raízes semelhantes se diferenciam por esta característica: onde no Yuhup temos sílabas bimoraicas glotalizadas, no Hup

temos consoantes glotalizadas. Tal diferença, entretanto, não é previsível como no caso dos tons, pois os dois fenômenos ocorrem em ambas as línguas.

(04)	Léxico	Yuhup	Hup
	‘preto’	[ʃg̊ˀg̊:]	[ʃˀg̊:]
	‘casca’	[^m bɔ̊ˀkˀ]	[^m bˀkˀ]
	‘macaco zogue-zogue’	[kɔ̊ˀg̊ˀ]	[kˀg̊ˀ]

No Hup, as consoantes glotalizadas são não apenas abundantes, mas também contrastivas em ambientes idênticos. Em Yuhup, apesar de haver contraste em ambientes semelhantes, numa coleta de mais de mil dados não registramos sequer um par mínimo entre consoantes glotalizadas e não-glotalizada. Isso levou-nos a, ao contrário do Hup, não marcar ortograficamente as consoantes glotalizadas.

A outra diferença está no processo de sufixação nas oclusivas sonoras /b d j g/. Todas elas são pós-nasalizadas no final de palavras /b^m dⁿ j^ɲ g^ɲ/ e ao receberem um sufixo o contorno nasal se eleva ao nível de consoante, formando o ataque do sufixo /b.m d.n j.ɲ g.ɲ/. Assim, mesmo as palavras idênticas em suas raízes, diferenciam-se ao receber sufixos.

(05)	Léxico	Yuhup	Hup
	‘no jirau’	[wǎ:b.mǣˀʔ]	[wà.bˀátˀ]
	‘comendo’	[wǎd.níh]	[wǎé.dˀéj]
	‘na fruta umari’	[pǎé.j.ɲǎéˀʔ]	[pǎé.jˀátˀ]
	‘bebendo’	[ʔǎg.ɲíh]	[ʔǎ.gˀáj]

Diferenças Gramaticais

E ligado ainda aos sufixos há também significativas diferenças gramaticais. Os sufixos diferentes geram confusão no discurso, tornando as línguas não inteligíveis. Ortograficamente isso também é importante, pois no Hup não é necessário marcar as consoantes nasais /m n ɲ ɳ/ nos sufixos, enquanto no Yuhup faz-se necessário. Isso resultou em dois símbolos ortográficos distintos no alfabeto Yuhup, representando respectivamente as nasais palatal e velar. Vejamos alguns exemplos com o verbo ‘beber’:

(06)	Léxico	Yuhup	Hup
	‘eu que bebi’	[ʔǎ:h ʔǎ:g.ɲí:ʔ]	[ʔǎh ʔǎ.g ^h ǎp]
	‘estou bebendo’	[ʔǎ:h ʔǎ:g.ɲíh]	[ʔǎh ʔǎ.g ^h ǎj]
	‘vou beber’	[ʔǎ:h ʔǎ:g.ɳǎ:h]	[ʔǎh ʔǎ.g ^h ʔǎ:j]

Quando expostos ao Alfabeto Hup, os Yuhupdeh tentaram utilizar o mesmo para escrita da sua própria língua, mas não obtiveram sucesso no intento. Conseguiram escrever muitas palavras isoladas, mas tinham dificuldade especialmente nas frases e palavras sufixadas. As consoantes glotalizadas não lhes faziam sentido e os acentos (marcadores dos tons) causavam-lhes confusão. A comparação das línguas apontou estar exatamente nesses aspectos as principais diferenças, demandando uma ortografia própria.

AS OPÇÕES ORTOGRÁFICAS

Como já mencionado, para a escolha final das letras do Alfabeto Yuhup, levamos em consideração os alfabetos do Português, Hup, Dâw,

Nadëb e Tukano. O inventário ortográfico final resultou em 26 letras, sendo 17 consoantes e 9 vogais, como segue.

Vogais orais:

- a** /ɑ/ Vogal posterior aberta arredondada sonora com ar pulmonar egressivo (c.a.p.e.)
- ä** /ə/ Vogal central média não-arredondada sonora c.a.p.e.
- e** /æ/ Vogal anterior aberta intermediária não-arredondada sonora c.a.p.e.
- ë** /e/ Vogal anterior semi-fechada não-arredondada sonora c.a.p.e.
- i** /i/ Vogal anterior fechada não-arredondada sonora c.a.p.e.
- ï** /i/ Vogal central fechada não-arredondada sonora c.a.p.e.
- o** /ɔ/ Vogal posterior semi-aberta arredondada sonora c.a.p.e.
- ö** /o/ Vogal posterior semi-fechada arredondada sonora c.a.p.e.
- u** /u/ Vogal posterior fechada arredondada sonora c.a.p.e.

Vogais nasais: as vogais nasais /ã ã ñ ñ ã ã/ são representadas com a inserção do til (˜) respectivamente nas letras **a e i ï o u**.

Consoantes:

- p** /p/ Oclusiva bilabial surda c.a.p.e. No final de palavras sempre não-explodida [p̚].
- t** /t/ Oclusiva alveolar surda c.a.p.e. No final de palavras sempre não-explodida [t̚].
- s** /c/ Oclusiva palatal surda c.a.p.e. No início e no meio de palavras manifesta-se como fricativa côncava pós-alveolar surda avançada [ʃ]

variando livremente com a africada pós-alveolar surda [tʃ]. No final de palavras é sempre não-explodida [cʰ].

k /k/ Oclusiva velar surda c.a.p.e. No final de palavras sempre não-explodida [kʰ].

b [b] Oclusiva bilabial sonora c.a.p.e. Sempre pré-nasalizada [ᵐb] no início de palavras e pós-nasalizada no final [bᵐ].

[bʲ] Oclusiva bilabial sonora glotalizada c.a.p.e. Sempre pré-nasalizada [ᵐbʲ] no início de palavras.

d [d] Oclusiva alveolar sonora c.a.p.e. Sempre pré-nasalizada [ᵐd] no início de palavras e pós-nasalizada no final [dᵐ].

[dʲ] Oclusiva bilabial sonora glotalizada c.a.p.e. Sempre pré-nasalizada [ᵐdʲ] no início de palavras.

j [j] Oclusiva palatal sonora c.a.p.e. Nunca ocorre no início de palavras e é sempre pós-nasalizada quando no final [jᵐ].

[jʲ] Oclusiva palatal sonora glotalizada c.a.p.e. Nunca ocorre no início de palavras.

g [g] Oclusiva velar sonora c.a.p.e. Nunca ocorre no início de palavras e é sempre pós-nasalizada quando no final [gᵐ].

[gʲ] Oclusiva velar sonora glotalizada c.a.p.e. Nunca ocorre no início de palavras.

m /m/ Nasal bilabial sonora c.a.p.e.

/mʲ/ Nasal bilabial sonora glotalizada c.a.p.e.

n /n/ Nasal alveolar sonora c.a.p.e.

/nʲ/ Nasal alveolar sonora glotalizada c.a.p.e.

- ñ** /ɲ/ Nasal palatal sonora c.a.p.e. Nunca ocorre no início de palavras.
- ng** /ŋ/ Nasal velar sonora c.a.p.e. Nunca ocorre no início de palavras.
- r** /r/ Vibrante simples alveolar sonora c.a.p.e.
/r²/ Vibrante simples alveolar sonora glotalizada c.a.p.e.
- ç** /ç/ Fricativa palatal surda c.a.p.e.
- h** /h/ Fricativa glotal surda c.a.p.e.
- w** /w/ Aproximante lábio-velar sonora c.a.p.e.
/w²/ Aproximante lábio-velar sonora glotalizada c.a.p.e.
- y** /j/ Aproximante palatal sonora c.a.p.e.
/j²/ Aproximante palatal sonora glotalizada c.a.p.e.

Comparação com o Português

Várias letras são iguais, ou quase iguais, às letras do Português: **a, b, d, e, g, i, m, n, o, p, r, t, u**. As vogais com trema **ë, ö**, correspondem respectivamente às vogais fechadas do português nas palavras *dedo* e *doce*. As vogais **ä, î**, não têm correspondentes nos português. Optamos pelo trema em função dos alfabetos Hup e Nadëb e pelo “i cortado” em função dos alfabetos Hup e Tukano, considerando que assim evitaríamos poluição visual ao inserir diacríticos.

Nos seguimentos consonantais, o **k** representa tanto o “c” de *casa*, quanto o “qu” de *quero*. O **h** parece com o “rr” na palavra *garrafa*. O **s** tem uma articulação um pouco diferente do Português, variando entre o “s” de *sapato* (porém, mais avançado) e o “t à mineira” da palavra *tia*. Quando ocorre no final de palavras, entretanto, apresenta um som sem correspondente no Português. O **ñ** tem correspondência aproximada no “nh” de *manhã*. Optamos

pelo “n com til” devido o “nh” causar maior poluição visual, gerando mais confusão que solução, já que o **h** do Yuhup é sempre pronunciado. Levamos em consideração que parte da etnia vive na Colômbia e o espanhol tem essa letra. O **ç**, **j** e **ng** não têm correspondentes no Português. Optamos pelo **ç** e **j** em função do Hup, enquanto pelo **ng** em função do Nadëb, que possui o mesmo fonema representado por essa letra composta. O **w** corresponde ao “u” na palavra *mau* e o **y** ao “i” na palavra *maio*, mas nunca aparecem no núcleo de uma sílaba.

As sílabas bimoraicas glotalizadas serão diferenciadas das simples com a inserção de duas vogais. Assim, sempre que ocorrer duas vogais no núcleo silábico as mesmas são laringalizadas.

(07)	Léxico	Ortografia
	<i>comunidade</i>	yam
	<i>onça</i>	yaam

Optamos por marcar apenas o tom descendente, visando diminuir o inventário de acento e simplificar a escrita. Seu símbolo será o acento agudo (´), mas os verbos, pronomes e palavras com sufixos nunca são acentuadas, pois seus tons são previsíveis. Assim, grande parte das palavras não acentuadas traz tom ascendente.

(08)	Léxico	Ortografia
	<i>cabeça</i>	nuh
	<i>tapioca</i>	núh

A nasalização é marcada com o til (~), sendo que, palavras com as letras **m**, **n**, **ñ** e **ng** não precisam receber o til já que serão necessariamente nasais.

(09)	Léxico	Ortografia
	<i>avó</i>	oh
	<i>durma!</i>	õh

A oclusão glotal será marcada com o apóstrofo ('), que entra no inventário ortográfico como um diacrítico e não como consoante. Isso porque o único ambiente onde a mesma é indispensável é no final de palavras.

(10)	Léxico	Ortografia
	<i>barraca</i>	yo
	<i>espécie de vespa</i>	yo'

As palavras compostas serão ligadas pelo hífen, visando evitar aglutinação numa língua caracteristicamente isolante e, ao mesmo tempo, evitar que sejam lidas separadamente causando dificuldade na compreensão.

(11)	Simples	Composta
	pöh - <i>alto</i> + tég - <i>lenha</i> + hóh - <i>canoa</i>	pöh-tég-hoh - <i>avião</i>

CONCLUSÃO

Esta proposta ortográfica tem como fim imediato a produção de material educacional na língua Yuhup. Como resultado está sendo publicado o Caderno de Alfabetização *Yuhupdeh Diíd* - “A Língua dos Yuhupdeh”, pela

Associação Pró-Amazônia, numa parceria com a APIARN – Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro, com apoio da SEMED – Secretaria Municipal de Educação e Desporto (São Gabriel da Cachoeira) e outras instituições. Trata-se da introdução do Alfabeto Yuhup, útil para alfabetização de adultos e crianças, que vem não apenas para servir como ferramenta de alfabetização na língua materna, mas também para contribuir com a valorização dos Yuhupdeh enquanto povo, social, étnica e culturalmente distinto dos demais da região.

O Caderno de Alfabetização foi elaborado junto com o povo, sendo um resultado da iniciativa da comunidade São Martinho, do Rio Cunuri, com efetiva participação das comunidades São Domingo, do mesmo rio, e Guadalupe, do Rio Ira. Para a elaboração do mesmo seguimos como referencial a cartilha de alfabetização *A Língua dos Hupd'üh do Alto Rio Negro* (2006), organizada por Henry Ramirez e Renato Athias, através da organização SSL – Saúde Sem Limites; o livro de estudo da língua Tukano *Dase yeé bu'erí turi* (2007), de Edmilson Sampaio e Paulo César do Nascimento, através da JAMI – Junta Administrativa de Missões; bem como, o *Caderno de Transição Português-Hup* (2007), de Marcelo Carvalho, através da Associação Pró-Amazônia. A essas comunidades, colegas e instituições, registramos aqui nossos agradecimentos.

FONTES

CAMORLINGA, R. *A Distância da Proximidade – A Dificuldade de Aprender uma Língua Fácil*. São Paulo: Intercambio, 1997.

- BRANDÃO, Aurise Lopes. *Fonologia Yuhup – Uma Análise Não-Linear*. Santa Catarina: UFSC, 1995.
- EPPS, Patience. *A Grammar of Hup*. Charlottesville: University of Virginia, 2005.
- JORE, Daniel & JORE, Cheryl. *Análise Preliminar da Língua Yahup*. Brasília: SIL, 1980.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Dois Anos entre os Indígenas – Viagens no Noroeste do Brasil (1903/1905)*. Manaus: EDUA, 2005.
- MARTINS, Silvana Andrade. *Fonologia e Gramática Dâw*. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2004.
- MARTINS, Valteir. *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental*. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2005.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Textos Indigenistas*. São Paulo: Loyola, 1982.
- OLIVEIRA, Ana Gita. *O Mundo Transformado – Um Estudo da “Cultura de Fronteira” no Alto Rio Negro*. Brasília: UnB, 1992
- OSPINA BOZZI, Ana Maria. *Les Structures Élémentaires du Yuhup Makú – Langue de l’Amazonie Colombienne: Morphologie et Syntaxe*. Paris: Université de Paris 7, 2002.
- POZZOBON, Jorge. *Isolamento e Endogamia – Observações Sobre a Organização Social dos Índios Maku*. Porto Alegre: UFRS, 1993.
- RAMIREZ, Henry. *A Língua dos Hupd’äh do Alto Rio Negro – Dicionário e Guia de Conversação*. São Paulo: SSL, 2006.
- *Família Maku ou Família Uaupés-Japurá?*
http://www.cvlnet.net/linguas_indigenas/debates.htm. 2002.
- *Dicionário Baniwa – Português*. Manaus: EDUA, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Panorama das Línguas Indígenas da Amazônia*. In: QUEIXALÓS, F. & RANAULT-LESCURE, O. (orgs). *As Línguas Amazônicas Hoje*. São Paulo: ISA, 2000.

SENN, Rodolfo & SENN, Beatriz. *Fonologia Nadëb*. Porto Velho: SIL, 1999.

SILVERWOOD-COPE, Peter Lachlan. *Os Maku – Povo Caçador do Noroeste da Amazônia*. Brasília: UnB, 1990.

VIGNA, Dalva Del. *Segmentos Complexos da Língua Yuhup*. Brasília: UnB, 1991.

NOTAS

ⁱ “Maku” – Kock-Grümberg. *Dois Anos entre os Indígenas*. 2006. pp.286,287 (expedição de 1903-05). E Nimuendaju. *Textos Indigenistas*. 1982. p.158 (expedição de 1927). “Nadahup” – Epps. *A Grammar of Hup*. 2005. p.4. “Maku-Oriental” – Martins. *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental*. 2005. p.15. “Uaupés-Japurá” – Ramirez. *Família Maku ou Família Uaupés-Japurá*. 2002.

ⁱⁱ Ramirez. *Dicionário Baniwa – Português*. 2001. p.198.

ⁱⁱⁱ Narrado pelo velho Lauriano Medeiro de Araújo, em 10/12/2007, na Comunidade São Martinho.

^{iv} *Isolamento e Endogamia*. 1983. p.138.

^v *Panorama das Línguas Indígenas da Amazônia*. 2000. pp.20,25.

^{vi} *A Distância da Proximidade*. 1997.